

MIÚDOS

Uns querem divórcio, outros o parlamentarismo, outros a pena de morte. Eu acho que não vale a pena mexer na Constituição. Vamos continuar vivendo dentro do combinado. Até o melhor mesmo é deixar o sr. Luzardo em Buenos Aires; quanto menos peronista aqui pelo Rio, tanto melhor. Precisamos é de socêgo.

Acho muito lamentável, pessoalmente, que o presidente escorregue no tapete e quebre o braço. Antes o braço do que o regime, em todo caso. Do ponto de vista estritamente político, o Poder Executivo parcialmente engessado... bem, tenho minhas teorias.

Gosto de ver essas polêmicas na imprensa — talvez porque tenha vivido o tempo do Monólogo — o monstruoso Monólogo da imprensa e do rádio, que dizia sob vários pseudônimos: Eu, Eu, Eu... E a gente não podia responder.

Lembro-me uma vez que esse simpático Renato Viana que morreu agora, esteve em Porto Alegre e montou uma peça chamada "Gétúlio"; como antes ele tinha feito uma peça chamada "Deus", escreveu que ele acendia uma vela a Deus e outra ao sr. Vargas. Como era feio dizer isso! Foi um sujeito da Ordem Política e Social à redação atucanar o Arlindo Pasqualini, todo zangado. Acabei saindo preso de Porto Alegre, o que afinal foi mais ou menos lógico, porque eu chegara também preso. Isso foi há muitos e muitos anos, e depois disso tenho viajado muito, mas confesso que jamais voltei ao Rio Grande do Sul; tomei um certo enjôo de "tira" de costeleta que assobia tango, e, quando se faz cordial, acha uma grande fineza querer que a gente chupe-chimarrão por aquele mesmo canudinho quente que ele chupa. Prefiro ser preso a seco, e em silêncio.

No dia 10 quero estar em S. Paulo para o jantar do amigo José de Barros Martins, cuja editora faz 13 anos. Mas não irei à recepção na Embaixada Britânica, hoje, dia da Coroação — não por falta de vontade, mas sim de casaca; mesmo de paletó saco murmuro, entretanto, "God Save the Queen" — e a nós todos, amém".

R. B.

3/6/53